

“Despreconceituosamente” umbandista: a religião na perspectiva teórica de Pierre Sanchis e do documentário “Santo forte” de Eduardo Coutinho

“Unprejudicedly” UMBANDISTA: religion from the theoretical perspective of Pierre Sanchis and the documentary “Santo forte” by Eduardo Coutinho

Marcelo Máximo Purificação^{1*}, Elisângela Maura Catarino²

RESUMO

Este texto emerge das discussões oriundas na disciplina Educação e Pós-Modernidade, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA e discussões articuladas no Grupo de Pesquisa NEPEM/ UNIFIMES. A análise das fontes, bem como o embasamento teórico a partir de estudos como: Sanchis (1994-1997-2001), Ortiz (1976), Negrão (1996), Semán (2005), Coutinho (2006) e Steil (2018), permitiram a percepção de que o diálogo que levanta a questão da religião tem abordagem complexa, especialmente quando se concentra nas religiões africanas, dada a recusa da literatura acadêmica e o papel negativo que historicamente moldou a matriz social baseada na desigualdade.

Palavras-chave: Religião; Umbanda; (Des) preconceituosamente.

ABSTRACT

This text emerges from the discussions arising from the discipline Education and Post-Modernity, developed in the Graduate Program in Education of the Lutheran University of Brazil - ULBRA and articulated discussions in the Research Group NEPEM / UNIFIMES. The analysis of the sources, as well as the theoretical basis from studies such as: Sanchis (1994-1997-2001), Ortiz (1976), Negrão (1996), Semán (2005), Coutinho (2006) and Steil (2018), allowed the perception that the dialogue that raises the issue of religion has a complex approach, especially when it focuses on African religions, given the rejection of academic literature and the negative role that historically shaped the social matrix based on inequality.

Keywords: Religion; Umbanda;. (Dis) prejudiced.

¹ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

*E-mail: marcelo.ueg@gmail.com

² Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (FIMES/UNIFIMES)

INTRODUÇÃO

Segundo o antropólogo franco-brasileiro da área dos estudos da religião, Pierre Sanchis, a religião é um fato básico e uma perspectiva da vida pública, o que fortalece elementos importantes para a sistematização da sociogênese no Brasil. Seus textos provocam reflexões no intuito de desconstruir a ideia de religião como aglomerado de dogmas, rituais, princípios morais formulados pelas instituições, e colaborar na construção de uma ideia de religião como expressão do habitus, originalmente marcada por uma encruzilhada fundadora de tradições geograficamente desterritorializadas no caso de portugueses e africanos e, culturalmente, no caso dos povos indígenas (STEIL, 2018).

A pesquisa de Negrão (1996) sobre magia e religião na Umbanda mostra que os jornais desde 1854 registram a existência de rituais de origem africana e a reação da indústria hegemônica a eles. O negro é visto como um feiticeiro que pratica magia negra e o medo que ele cria torna-se um medo real para o próprio negro (MARTINS, 2019). Nesse bojo, o termo 'pureza' e vice-versa, 'mistura' ou 'sincretismo' é uma aceitação social que muitas vezes reaparece no contexto de lutas de poder e hegemonia (...), portanto, “pureza”, “mistura” e “sincretismo” são ideias, sempre e por definição, etnocêntrica (SANCHIS, 1994).

Para Sanchis (2001), a representação da Umbanda descrita nos últimos cinquenta anos inadvertidamente concebe esse sistema de mudança, englobando muitas identidades e sincretismos: católico, africano, espiritual, oriental. Por isso, exige o status de religião genuinamente brasileira, ou seja, religião nacional brasileira, fruto da construção secular de uma identidade polivalente, assumindo, assim, a missão de divulgar o sincretismo brasileiro mundo afora.

O segundo aporte teórico que utilizamos na produção deste texto foi o filme “Santo Forte” produzido por Coutinho em 1997, ocasião em que o Papa João Paulo II visitava o Brasil. Coutinho propôs retratar a repercussão da santa missa celebrada pelo primaz da igreja católica juntos aos moradores de uma favela do Rio de Janeiro, e, a partir desse fato, mostrar as experiências religiosas. No filme, as religiões afro-brasileiras são representadas pelo Candomblé e pela Umbanda. Percebe-se que a “a vida do dia a dia está impregnada de religião” (SCARELLI, 2009, 51).

Representando essas experiências religiosas individuais e populares, o filme “Santo Forte” também revela a riqueza do imaginário brasileiro, em que combinações, analogias e significados, muitas vezes vistos apenas como reflexos de inconsistência ou desconfiança de determinado conceito religioso, indicam a capacidade das pessoas de se compreenderem, assim como aplicarem esses discursos e práticas religiosas e utilizá-los de acordo com suas necessidades pessoais, pois, embora no espaço público se declarem “Católicos Apostólicos Romanos”, no espaço privado, em suas casas, cultivam suas religiões afro-brasileiras, principalmente relacionadas à Umbanda (FERREIRA, 2012). Nesse sentido, o filme torna-se tão interessante pelas relações que as pessoas têm com religiões aparentemente muito diferentes, como catolicismo, umbanda, espiritismo, candomblé e igrejas evangélicas. (SCARELLI, 2009).

Diante o exposto, este texto pautou-se em estudos bibliográficos para despreconceituosamente apresentar a Umbanda genuinamente brasileira, presente no imaginário e no cotidiano das pessoas e, para isso, nos ancoramos nas perspectivas teóricas de Sanchis (1994) e Coutinho (2006).

Despreconceituosamente umbandista em Sanchis e Coutinho

Despreconceitualizar a Umbanda, para mim, é um processo pessoal que acontece no interior de cada ser, a partir do momento em que se vê representado nessa religião. Segundo Sanchis (1994), há uma tendência de usar as relações registradas no outro mundo para ressemantizar o próprio universo. Nesse contexto, o autor afirma que o sobrepujado, derrotado e sua religião podem ser capazes de acender verdadeiro deslumbramento sobre o vencedor. A partir dessa perspectiva, deve-se notar que o processo sincrético é versátil [...] o suficiente para acomodar uma ampla variedade de cristalizações, sem os muitos estudos que estão condenados a repetir sistematicamente ou usar um mecanismo sincrético particular que já foi descoberto[...], uma mesma causa pode ter consequências diferentes e diferentes causas têm o mesmo efeito, dependendo dos diferentes fatores que determinam a mudança: endógenos ou exógenos, ambientais ou históricos (SANCHIS, 1994).

Apresentando as perspectivas teóricas de Sanchis e a partir delas observar o contexto religioso brasileiro, é possível dizer que a religião é um pilar indissociável, mesmo levando em consideração a diversidade de articulações e a dualidade dela

resultante. Nesse sentido, Sanchis defende a tese de que é possível descrever o Brasil a partir da religião e o faz a partir dos elementos verticais que formaram nossa estrutura como nação. Ele associa o catolicismo popular às romarias e festas religiosas, à cultura lusitana, que por sua vez vem das tradições pré-cristãs da população local, dos romanos, dos bárbaros, mas também dos mouros e judeus dos diásporos. Considera que este catolicismo popular é indissociável do catolicismo institucional, simbolizado pela Igreja Católica, que o representa e encarna perante a elite laica e o Estado, que se opõe a ela como força moderna e autônoma (STEIL, 2018).

Segundo Pierre, cada religião e cultura seriam percorridas por várias linhas de continuidade que conectam os polos sincréticos com os polos anti-sincréticos. Nessa continuidade, Pierre Sanchis apresenta conceitos pré-modernos, modernos e pós-modernos como ideais padrão formulados no campo social e a consciência individual como diacrônios que se sobrepõem sincronicamente. “Estas três modernidades”, dirá Pierre, “são logicamente sequenciais, articuladas de forma contemporânea e interligadas”. (SANCHIS 1997, p.112).

Na era brasileira de hoje, o trânsito religioso e as múltiplas filiações são verdadeiras formas de vivenciar a religiosidade. Sanchis (2012) destaca que o Brasil tem uma declaração clara de identidade e porosidade da identidade religiosa e que o Brasil tem uma identidade/ projeto que visa a garantir que identidades múltiplas não sejam perdidas ou confundidas, para que possam ser enriquecidas criativamente. Foi essa tendência que tornou a Umbanda possível aqui no Brasil (KAITEL e SANTOS, 2017).

A umbanda é uma religião brasileira estabelecida no Rio de Janeiro em 1908, muito popular, mas fortemente discriminada. Considerada uma religião genuinamente brasileira com um estigma social associado ao preconceito. Situa-se no contexto das religiões africanas, considerada nesse universo, como uma religião nova, porém é um fenômeno religioso que sintetiza muito bem o povo brasileiro. Hoje alguns ainda consideram a Umbanda como "coisa de negro", tornando-a alvo de termos pejorativos e preconceituosos, que denotam o desconhecimento sobre o seu papel enquanto religião. (PURIFICAÇÃO, CATARINO, AMORIM, 2019).

Ortiz (1976) apresenta a Umbanda como uma religião que surgiu da leitura da classe média branca de elementos religiosos negros, brancos e indígenas. O autor lembra que os Terreiros de Umbanda surgiram no Rio de Janeiro nas décadas de 1920 e 1930,

quando os sacerdotes kardecistas começaram a usar elementos de ascendência africana em suas religiões (KAITEL e SANTOS, 2017).

Negrão (1993) destaca que a religião umbandista é uma mistura de raízes negras e ética cristã, com um mundo vicioso de leitura e princípios pragmáticos de caridade. A eficácia da ajuda é fundamental na prática diária; a alegria e extroversão dos guias espirituais é vista como uma forma de facilitar a reaproximação dos consulentes, e a doutrina enfoca na moralização das atividades voltadas para o desenvolvimento e evolução espiritual.

No filme “Santo Forte”, Coutinho (2006) esclarece que não é a rigor um filme sobre religião, embora essa seja um eixo central. O filme trata do cotidiano das pessoas, atravessado pelo imaginário religioso, e sua relação com algo que consideram transcendental. Para o autor, o cotidiano está imbuído de religião, e com esse eixo central ele pensou que poderia conseguir o que queria: o cotidiano das pessoas”, afirma Scarelli (2009).

Para Scarelli (2009), as concepções de Coutinho (2006) apresentam que há uma confirmação da valorização do candomblé, o que é interessante porque aumenta a autoestima da cultura negra, mas, no que tange à Umbanda, o autor afirma, que essa ainda é oprimida no Brasil. Ele esclarece que a mistura entre o transe, o bem e o mal dá medo, mas colabora na construção da verdadeira religião popular de massa, que na concepção dele é a católica-umbandista, nessa, Exu desempenha um papel vital.

Na verdade, a convivência de católicos romanos, com pessoas de diferentes denominações (Umbanda, Candomblé) é mais pacífica, mas já foram execradas, devido a aproximação dos orixás africanos com os santos católicos. (CONCONE, 1987). O filme apresenta o retrato do Brasil. “Por isso, no Brasil, com realce, se é, ao mesmo tempo, católico e espírita. Umbandista e católico. Ou apenas católico ritual, de batizar os filhos, levá-los à primeira comunhão, crismá-los, casá-los ou somente socorrê-los nos momentos surpreendentes ou adversos, como o da morte, com o afagoso acalento da extrema unção [...]” (SILVA, 1995, 195).

Enfim, o “Santo Forte” na Umbanda fundamenta-se na sua prática, sua crença e nas inter-relações entre os mundos visível e invisível e na possibilidade de os espíritos desencarnados e encantados incorporarem-se aos médiuns e auxiliarem os seres humanos vivos através de conselhos, benzeções, banhos e tratamentos energéticos. Baseia-se na crença nas inter-relações entre o ser humano e os Orixás, seres divinos associados à

natureza e que acompanham e auxiliam o ser humano em seu processo de desenvolvimento contínuo durante as múltiplas encarnações. (KAITEL e SANTOS, 2017).

REFERÊNCIAS

CONCONE, M.H.V.B. Umbanda: uma Religião Brasileira, São Paulo, FFLCH-USP-CER, 1987.

COUTINHO, E. Entrevista com Eduardo Coutinho. Entrevista concedida à Revista Contracampo. Disponível em: <http://contracampo.com.br/11-12/frames.htm> Acesso em: 06 dez. 2006.

COUTINHO, E. Entrevista concedida a Inácio Araújo e José Geraldo Couto. A cultura do transe. Caderno Mais da Folha de S. Paulo, 28 de novembro de 1999.

FERREIRA, C. Entre deuses e mortais: a arte de contar histórias em Santo forte. Revista brasileira de estudos de cinema e audiovisual, 2012.

KAITEL, A. F. S.; SANTOS, G. M. Conhecendo a umbanda: uma tipologia sob o prisma bantu. Diversidade Religiosa, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 60-87, 2017.

MARTINS, A. C. B. Nas trilhas da pluralidade cultural: um estudo sobre o sincretismo e a inculturação da fé. Fundação Educacional São José (FESJ). 1ª edição, 2019.

NEGRÃO, L. N. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. In: Tempo Social Revista de Sociologia da USP, vol. 5, 1993, p. 113-122.

ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro. In: Cadernos CERU, vol. 9, 1976, p. 119- 125.

PURIFICAÇÃO, M; CATARINO, E.M; AMORIM, I.B. As ervas medicinais na umbanda nos cultos de preto velho. FRAGMENTOS DE CULTURA, Goiânia, v. 29, n. 4, p. 746-756, 2019. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/7741> . Acesso em 20 mar de 2021.

SANCHIS, Pierre. Pra não dizer que não falei de sincretismo. In: Comunicações do ISER, Rio de Janeiro, n. 45, p. 5-11, 1994.

_____. Um Sopro do Espírito: a Renovação Conservadora do Catolicismo Carismático. São Paulo, Editora da USP/Fapesp, 1997.

_____. Desencanto e formas contemporâneas do religioso. Revista Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, v. 3, n.3, p.27-43, out. 2001.

SCARELI, G. Santo Forte: a entrevista no cinema de Eduardo Coutinho. Tese apresentada a Faculdade de Educação da Universidade de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2009.

SILVA, M. J. Racismo à Brasileira – Raízes Históricas: um Novo Nível de Reflexão sobre a História Social do Brasil, São Paulo, Anita, 1995, p. 195.

STEIL. C.A. Fidelidades criativas: Ciência, mística e amizade na trajetória de Pierre Sanchis. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 38(2): 302-326, 2018.

Recebido em: 10/12/2021

Aprovado em: 10/01/2022

Publicado em: 14/01/2022